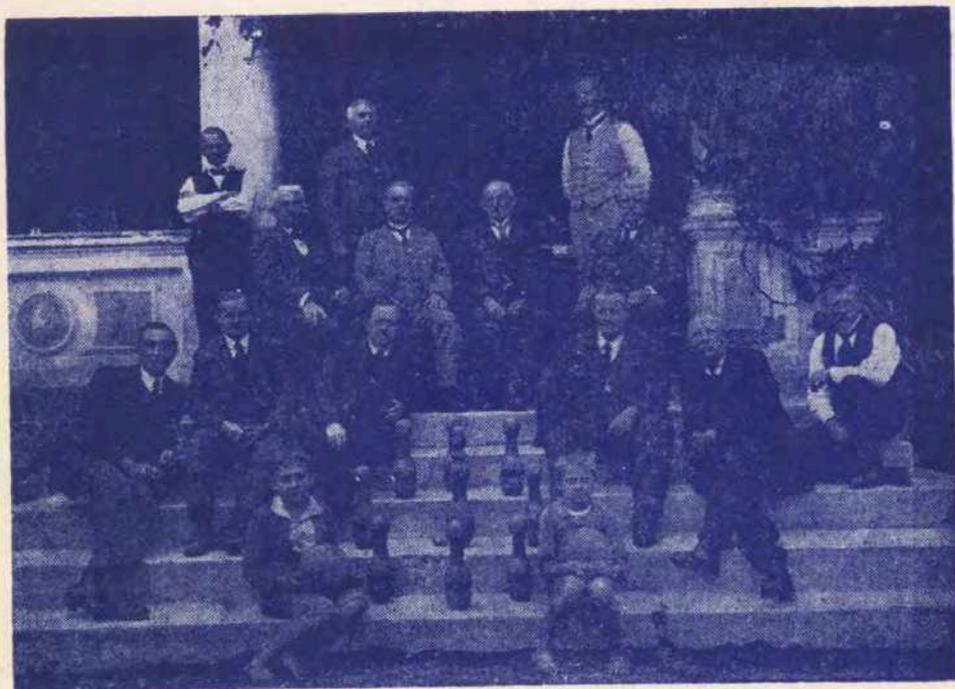


BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 6
Junho de 1978

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

JUNHO DE 1978

nº. 6

— S U M Á R I O —

	Página
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	154
A QUESTÃO ESCOLAR NAS COLÔNIAS ITALIANAS DA ANTIGA COLONIA BLUMENAU	156
ESTANTE CATARINENSE	171
FIGURAS DO PASSADO	173
CARTAS DIRIGIDAS PELO DR. BLUMENAU AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DENUNCIAM NOVOS ATAQUES DOS COLONOS, DEIXANDO MORTE E DESOLAÇÃO	174
ESCOLA BÁSICA "BARÃO DO RIO BRANCO" REGISTRA ESTE ANO O JUBILEU DE PRATA	178
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	180

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Nos princípios do nosso século, por volta de 1910, foi fundado um dos mais conceituados clubes de bolão já existentes em Blumenau. Trata-se do “KEGEL-CLUB FIDEL”, que teve sua séde e local de atividades esportivas na antiga Sociedade de Atiradores, mais tarde transformada no hoje Tabajara Tennis Club. Daquele clube, que atravessou duas dezenas de anos, faziam parte personalidades de destaque da vida pública blumenauense, conforme veremos adiante. Até pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, o “Kegel-Club Fidel” manteve-se em franca atividade, sendo que, dos seus fundadores, muitos permaneceram até a extinção por volta de 1938. Todos os que integraram o clube, especialmente os que figuram no “clichê” que ilustra a capa do presente número, já são falecidos. Algumas informações adicionais à legenda constante da fotografia que faz parte do Museu da Família Colonial, sob o nr. catalogado de 614, nos foram fornecidas pelo sr. Adolfo Sutter, filho do falecido Augusto Sutter, que fazia parte daquele clube e que foi um dos fundadores, tendo falecido no ano de 1937. Eis a relação dos que fazem parte da foto dos integrantes do “Kegel-Club Fidel”: Da esquerda para a direita; em pé — Otto Rohkohl, então cônsul da Alemanha; Felipe Doerck, ex-diretor da colônia Hansa e advogado provisionado; Emilio Doering, professor da Escola Nova. Os quatro sentados, na primeira fila, são, ao alto: Leopoldo Hoeschel, tesoureiro da Prefeitura Municipal, tendo sido antes deputado estadual e presidente da Câmara de Indaial nas funções de vereador, em 1893-94; Luiz Altenburg, comerciante; Hermann Ruediger, comerciante e Augusto Zittlow, inspetor de linhas telegráficas. Os seis da fila de baixo são: Otto Abry, tabelião; Steinbach, comerciante; Augusto Sutter, comerciante e Juiz de Paz; Otto Berner, cervejeiro; Carlos Rieschbieter, também cervejeiro e Reinoldo Anton, farmacêutico. Apesar de pesquisas efetuadas, não conseguimos os nomes dos rapazes que atuavam como levantadores. Eles devem existir ainda hoje, com idade que deverá estar entre os 60 a 70 anos. Caso sejam identificados gostaríamos que comparecessem à Biblioteca Pública e, portanto, à redação de “Blumenau em Cadernos”, para auxiliar-nos no enriquecimento de outros fatos históricos relacionados com a atividade desenvolvida pelo “Kegel-Club Fidel” e seus participantes.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: ROSA HERKENHOFF

EXCERTOS DO “KOLONIE-ZEITUNG” (JORNAL DA COLÔNIA),
EDITADO EM JOINVILLE A PARTIR DE 20 DE DEZEMBRO DE 1862.

Anúncio publicado no dia 21 de fevereiro de 1863:

Estrada de ferro de São Paulo. — Viagem gratuita para Santos por Vapor e, no mínimo, Rs. 2\$000 por dia, garantidos por contrato, a quem se comprometer a trabalhar durante seis meses na estrada.

Pessoas interessadas devem se apresentar munidas de passaporte, ao abaixo assinado.

Joinville, 19 de fevereiro de 1863. C. Lange.

Notícia do dia 2 de maio de 1863:

A 27 proximo passado, foram expedidos novamente 26 trabalhadores, dos quais 13 de Itajaí e Blumenau, por navio para o porto de Santos.

Notícia de 25 de julho de 1863:

Na colônia Blumenau será construído um edifício adequado para a direção da Colônia. Também se cogita da construção de uma escola para meninas e de mais três edifícios escolares para os habitantes de Garcia, Itoupava e Rio Teste, nas quais os colonos se comprometem a mandar instruir os seus filhos às suas expensas.

Notícia do dia 22 de agosto do mesmo ano:

A 12 de junho partiu de Hamburgo o navio "Hamburg-Packet", comandante Jacobsen, com 71 colonos para Dona Francisca, e a 13 de junho o navio "Urania", comandante Kröger, com 84 colonos para Blumenau. —

O Ministério da Agricultura concedeu licença para a construção de uma cadeia pública na colônia Blumenau, conforme a proposta do Diretor.

Notícia publicada a 5 de setembro de 1863:

A 29 de agosto entrou no porto de São Francisco o navio hamburguês "Hamburg-Packet", comandante A. H. Jacobsen, que nos trouxe sãos e salvos 72 passageiros, sendo alemães: 25 da Prússia, 13 de Holstein, 15 da Saxônia, 1 de Hamburgo, 1 de Hanôver, 1 de Brunsigue. Além destes, 8 da Áustria, 1 da Dinamarca e um de Nova-Iorque. Uma criança nasceu durante a viagem.

O último dia da viagem foi trágico para o navio e seus passageiros: Na tarde de 27 de agosto o navio chegou à altura do porto de São Francisco e, à vista da terra içou a bandeira e sinalizou com alguns tiros de canhão para chamar o práctico do porto. Mas este não apareceu. O forte vento nordeste não permitia nem a parada do navio e nem o seu retrocesso, e assim foi entrando pela barra, já que o comandante conhecia a entrada de sua viagem anterior, em outubro de 62. O navio havia ultrapassado a barra, quando, às cinco horas da tarde, mais ou menos, encalhou, quase no mesmo local em que naufragou o "Francisca" em setembro de 1858. A estibordo a água ainda media quatro braças, mas a bombordo somente duas braças de profundidade. Em vista da impossibilidade de fazer o navio flutuar, as velas foram arriadas e lançadas a âncora na direção de onde o navio tinha vindo, na tentativa de fazê-lo retroceder. Mas, apesar dos esforços de 40 homens, nada se conseguiu. Sucediam-se os embates da ressaca, golpe sobre golpe, com impetuosidade alternada. As 8 horas da noite teve início o alívio do navio, esvaziando-se primeiro os barris de genebra, em seguida quebrando-se os barris de água, a fim de esvaziá-los, bombeando-se ininterruptamente durante uma hora.

Com o início da vasante, a profundidade da água não se modificou quase, porém às 10 horas da noite os quebros da ressaca se sucediam com tamanha impetuosidade, que se temia, a cada instante, o rompimento dos mastros, causando uma catástrofe. Era preciso pensar no salvamento dos passageiros, por isso foi lançado ao mar o bote grande, para levar um cabo à terra. No entanto, o bote foi simplesmente tragado pelo mar revolto, o cabo se perdeu e com esforço sobre-humano os dois marujos conseguiram voltar ao navio. Desceram a chalupa, e a muito custo, rompendo a ondas em fúria, prenderam um cabo em terra. Ali encontraram o prático do porto, que assistia calmamente à trágica luta. Contra a sua vontade e apesar de sua resistência, levaram-no para bordo. Sob as suas ordens recommençaram os esforços para safar o navio mas, após várias horas de labuta e com sacrifício das âncoras e da corrente, nada foi conseguido até às duas horas da madrugada. A água começou a subir e os choques das ondas aumentavam de violência e a cada momento passageiros caíam a bordo. Felizmente era noite de lua cheia e, por verdadeiro milagre, conseguiram, não levar, mas lançar à terra dois carregamentos de mulheres e crianças. Repentinamente ergueu-se uma rajada de vento sudeste, o navio afastou-se da costa, libertando-se inexplicavelmente. As mulheres e as crianças foram levadas para a cidade de São Francisco em diversos botes que vieram em seu auxílio. Os passageiros, assim como a tripulação, mesmo nos momentos mais trágicos, se portaram com bravura. —

No mesmo número do jornal, há um agradecimento, assinado por todos os passageiros, ao Comandante e à tripulação, pela sua atitude heróica e cautelosa durante as doze horas de luta.

— • —

(Nota da Tradutora: O local do sinistro foi o banco de areia Sumidouro, onde a 19 de setembro de 1858 o barco "Francisca" soçobrou, levando para o fundo do mar todos os pertences dos imigrantes e o prelo que havia sido encomendado na Alemanha, para a impressão do "Kolonie-Zeitung").

— • —

(A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville).

A questão escolar nas colônias italianas da antiga Colonia Blumenau **José E. Finardi**

Desde 1875 — primórdios da Colonização Italiana na antiga Colônia Blumenau, até os primeiros anos da República, ou seja, até 1892, nenhuma iniciativa fôra tomada pelos pioneiros tirolezes e italianos que se estabeleceram nas diversas linhas de colonização italiana: Rodeio, Rio dos Cedros, Acurra, Guaricanas e Apiuna, ex-Aqui. daban, — visando a instrução dos seus filhos.

Embrenhados na mata virgem, distantes uns dos outros, mal

se comunicando por estreitas picadas, não lhes interessava o estabelecimento de escolas. É que, desconhecendo na própria pátria de origem, os benefícios da educação e da instrução, não sentiam necessidade de lutar para que seus filhos a tivessem agora. Queriam, isto sim, dar-lhes religião e um pedaço de terra própria. Ademais, desde tenra idade, necessitavam de seus filhos para os afazeres domésticos e trabalhos menos pesados. E quando lhes fosse perguntado o motivo desse desinteresse, respondiam simplesmente: "Eu venci e comprei terras sem saber ler ou escrever e nossos filhos poderão fazer o mesmo.."

O que importava aos pioneiros italianos, era a construção de uma capela, onde pudessem praticar suas devoções e reunir-se para comunicar-se entre si.

Assim mesmo, já na primeira década da colonização, Pe. José Maria Jacobs, primeiro vigário de Blumenau, promoveu sete escolas paroquiais, precariamente instaladas nas não menos rústicas capelinhas onde, além do culto, eram ministradas as aulas de primeiras letras e catecismo, pelos "mais letrados", escolhidos entre os que haviam feito parte do coral na Itália, ou que exercessem uma liderança natural entre os pioneiros, pois lhes cumpria acumular a coordenação da comunidade no culto e no encontro social.

Estas sete escolas paroquiais estavam localizadas: 1 na sede de Rodeio, 1 em Rodeio 50 (S. Vígilio), 1 em Pomeranos (S. Antônio), 1 em Rio dos Cedros, 1 em Ascurra, 1 em S. Paulo (S. Família) e 1 em Aquidaban, atual Apiuna.

Foram elas orientadas até 1892 por Pe. José Maria Jacobs e deste ano em diante, pelos Padres Franciscanos que, nesse ano, assumiram a direção da paróquia de Blumenau, ante a desistência de Pe. Jacobs, fundador das mesmas.

Entretanto, a diminuta frequência de alunos, devido ao desinteresse dos pais, o deficiente ensino ministrado ante a falta de professores habilitados ou que se submetessem á ínfima remuneração que lhes podia ser paga, sem qualquer auxílio oficial, o funcionamento dessas escolas pioneiras, tornara-se irregular e não raras vezes permaneciam fechadas por meses.

Foi diante desta situação que Frei Lucínio Korte, a quem na extensa paróquia de Blumenau estava afeta a coordenação das capelas da colonização italiana, decidiu organizar na Sede de Rodeio, uma Sociedade Escolar, cujos sócios fundadores,



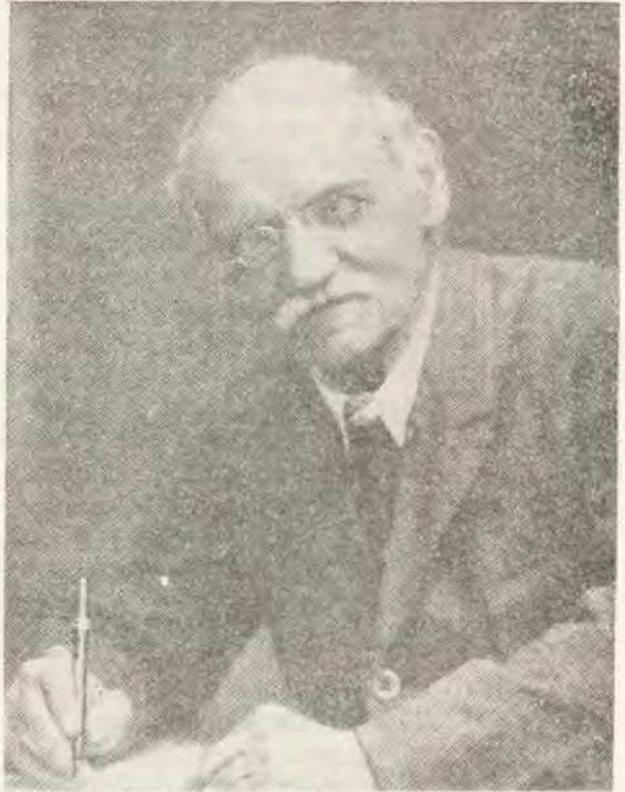
Pe. Jacobs, fundador das primeiras escolas italianas.

em número de trinta e oito, se obrigavam à manutenção da Escola, mediante a anuidade de Rs. 5\$000. Os respectivos Estatutos, redigidos pelo próprio Frei Lucínio, foram aprovados e assinados em data de 1º. de abril de 1899, elegendo-se ele próprio como Inspetor perpétuo da Escola, que passou inicialmente a funcionar na Capela de Madeira e depois na de tijolos.

A esse tempo, depois de sua primeira visita às colônias italianas, o Consul italiano em Florianópolis, Cav. Gherardo dei Principi Pio di Savoia, fez publicar no "Boletim dos Negócios Exteriores", de Roma, um tremendo libelo contra os Jesuitas, de Nova Trento e os Franciscanos, de Rodeio — o qual, Frei Lucínio, em data de 2 de julho de 1902, contestou agressivamente, endereçando cópia ao Embaixador italiano, em Petrópolis, nascendo daí a lamentável questão escolar que, de par com a religiosa mais triste ainda, haveriam de tumultuar durante anos, as pacatas populações italianas de Blumenau.

Simultaneamente, diversos elementos, os mais letrados das citadas colônias, todos imbuídos de idéias liberais e de elevado espírito de italianidade orientados pelo famoso sociólogo Dr. Giovanni Rossi, Diretor da Escola Agronômica Estadual de Rio dos Cedros, preocupados não só com a instrução em geral, como também a língua e tradições italianas entre seus compatriotas, trataram também de organizar uma Sociedade Escolar — a "Società Dante Alighieri".

Para presidí-la foi eleito Ermembergo Pellizzetti, grande amigo do Consul Gherardo dei Principi Pio di Savoia, conseguindo deste, como representante do Governo italiano, não só a construção de novas escolas como também subsídios para as existentes que então foram reabertas. Nomeando Inspetor dessas escolas, cabia a Ermembergo Pellizzetti a destinação dos subsídios e do material escolar, a indicação dos professores e a coordenação do ensino, dentro das normas fixa-



Dr. Giovanni Rossi, incentivador do ensino nas colônias italianas

das pelo Consulado Italiano, em Florianópolis.

Perdendo o controle das escolas, Frei Lucínio, inconformado, reagiu, dirigindo-se ao Ministro da Educação italiana, em ofício datado de 5 de dezembro de 1907 e, diante do silêncio deste, endereçou outro, datado de 9 de junho de 1908, ao Consul, reclamando energicamente contra a Comissão, chefiada por Ermembergo Pellizzetti, pedindo-lhe pelo menos, ser incluído na dita Comissão. O Consulado, na pessoa de seu regente G. Caruso Macdonald, recusou atendê-lo, o que fez em ofício de 22 do mesmo mês.

A estes episódios não esteve alheio o próprio Bispo Diocesano de então, D. João Becker, que em ofício datado de 13 de junho de 1910, recomendou aos Padres Franciscanos de Rodeio, toda a prudência possível para contornar a situação existente.

A seguir, consignamos, em tradução nossa, o libelo publicado no Boletim, de Roma; a contestação de Frei Lucínio; as cartas deste ao Ministro da Educação italiano e ao Consul em Florianópolis e a

resposta deste último — documentos estes que esclarecem de sobejo, a origem e as causas da controversa questão escolar nas zonas de colonização italiana em Blumenau, nas primeiras décadas de seu estabelecimento.



Nesta modesta capela de madeira, funcionou a 1ª. escola italiana.



Ermembergo Pellizzetti Presidente da "Societá Dante Alighieri" e Inspetor Escolar das escolas italianas

Em nossos relatos históricos, temos sempre nos limitado a expor os fatos, evitando analisá-los ou criticá-los. Não podemos, todavia, deixar de consignar nosso repúdio às malévolas e injustas animadversações de Frei Lucínio e Ermembergo Pellizzetti, atribuindo-lhe idéias anti-religiosas e ruinosas da ju-

ventude, sem competência e moral para a função de Inspetor Escolar.

Tendo cursado a Escola Superior de Mântua, onde exercera o magistério, era homem culto, preparado, manejando a língua pátria, com maestria, como se pode constatar do "Album Comemorativo do 50º Aniversário da Colonização Alemã", da "Revista de Agricultura" e dos numerosos artigos publicados em jornais italianos de São Paulo e até mesmo no jornalzinho "L'Amico", dirigido por Frei Lucínio.



Nesta capela-escola, os Franciscanos ministravam o ensino.

No tocante á religiosidade, Ermembergo Pellizzetti educou seus 9 filhos nos postulados católicos, tendo até descendentes que ingressaram na vida religiosa. Exemplo de homem público, foi eleito, por duas legislaturas, deputado estadual e exercendo outros cargos publicos — cujo desempenho o povo reconheceu, eternizando-lhe a memória em bronze, na praça principal de Rio do Sul. Da Comissão Escolar e que Frei Lucínio se refere tão desdouradamente, faziam parte: o Professor Antonio Buriere, de Cultura universitária o professor Pietro Trentini, jornalista, ex-granatiere em Roma; o professor Pietro Moretto, irmão de dois sacerdotes; Aleandro Lenzi e o professor Luiz Isolani, mais tarde eleitos Conselheiros do Município de Blumenau — todos cidadãos de alta respeitabilidade e cultura.

Em princípios de 1913, ao transferir-se á Rio do Sul para assumir o cargo de Escrivão de Paz e T. belião, Ermembergo Pellizzetti foi substituído por Pe. João Canônico, 1º. vigário de Ascurra e com a transferência deste para a Itália, sucedeu-o o Pe. Ângelo Alberti, 1º. vigário salesiano de Ascurra, que ficou no cargo até 1917, ano em que em virtude do estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha, foram fechadas todas as escolas particulares do Estado e, em consequência, encerrada a participação do Consulado italiano nas escolas italianas de Blumenau.

I — ESTATUTOS DA SOCIEDADE ESCOLAR RODEIO

"ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE ESCOLA EM RODEIO. Os abaixo assignados moradores do Rodeio e dos contornos visinhos, á honra de Deus, no bem da nossa s. Religião e á melhor segurança da educação de seus filhos: declaram que de hoje adiante querem efformar uma sociedade particular de escola com as condições seguintes: I. — O curso escolastico regular dura quatro annos, q. d. da 8 até 12 annos de idade dos filhos, havendo dois mezes de ferias por anno; e comprende na instrucção as materias elementares e a lingua portu-

gueza. II. — A Auctoridade competente desta escola compõe-se do Inspector e de sete assistentes, os quaes de tres em 3 annos são eleitos pelos membros assignados; um dos assistentes tem tambem o officio de tesoureiro. III. Todos os membros assignados pagam por anno a taxa ordinaria de cinco mil reis, pelo menos em duas partes, anticipadamente, i. é, no principio e no meio do anno escholastico. IV. — Deste pagamento ordinario quatro partes são destinadas ao honorario dos professores, uma parte fica na caixa de escola para despezas extraordinarias. V. — Para completar o honorario dos professores, os membros, cujos filhos actualmente frequentam a escola, devem aprestar um pagamento extraordinario conforme ao numero dos membros, que actualmente mandam os filhos. VI. — Às despezas extraordinarias para manter ou renovar a casa e os moveis da escola, se faltar a caixa, todos os membros assignados contribuem em partes iguaes. VII. — Quem quizer participar transitoriamente do ensino na dita escola, não sendo membro da Sociedade e morando fóra do



Frei LUCINIO KORTE e os alunos do 1.^o anno letivo da escola por ele fundada.

espaço de tres kilometros de caminho da escola: haverá de pagar a razão dos membros assignados, como diz Nrs. III, V e VI. — VIII. — Se porem morar dentro no espaço de tres kilometros e por motivos insufficientes não quizer entrar como membro na dita escola, ha de pagar o duplo do que pagam os membros assignados; alem disso os filhos d'elle não participam no concurso de premios nem em outros favores especiais dos assignados. IX. — Nenhum membro se pode retirar da Sociedade sem motivo approved pela auctoridade competente, senão pagando para dez annos anticipados a taxa ordinaria; excepto o caso, que elle vendendo a sua colonia va morar fóra do espaço de tres kilometros. X. — Se um filho casado fica stabilmente em casa de seus pais, efformando uma familia com elles, este filho entra em lugar do pai, de modo que este fique livre de obrigação. XI. — A Sociedade não pode nem se dissolver nem mudar estes estatutos

senão com o consenso de dois terços dos membros assignados. XII. — Como Inspector perpetuo de escola e auctoridade competente para decidir dubios na explicação dos estatutos, assim como para dirigir a instrucção na escola a Sociedade reconhece para sempre o Parocho actual. Em pleno consenso com as condições acima assignam-se de propria mão: (Sobre um selo de duzentos reis) Rodeio, ao 1 de Abril de 1899. (assinados): Depiné Carlo — Valentino Fruet — Scottini Giacinto — Pintarelli Candido — Moser Agostino — Moser Antonio — Fiamonzini Giovanni Baptista — Giuseppe Moser — Furlani Giacomo — Dominico Ochner — Nicoló Moser — Noriller Giuseppe — Fiamonzini Giosué — Giovanni Scoz — Luigi Sardagna — Bridi Catharina — Fava Giovanni fu Giovanni — Pasqualini Varisto — Domenico Sardagna — Tomaselli Teresa — Della Giustina Sebastiano — Conziatti Anselmo — Baldo Maria — Fiamonzini Domenico — Fiamozzini Giacomo — Frainer Francesco — Meneghelli Erminio — Pezzini Angela — Sardagna Nicoló — Sardagna Donato — Hermann Kissner — Georg Kissner — Pandini Giustino — A rogo Valentino Fruet — A rogo Pietro Moser — Luigi Bertoldi — A rogo Dominico Pasqualini”.

“ANOTAÇÕES extraidas do “Bollettino Degli Affari Esteri”, compiladas por Sua Excelência PIO DE SAVOIA, Régio Consul residente em Florianópolis.

1 — As condições dos italianos de Nova Trento, em geral, não são boas: terras mediocres — os produtos pouco remunerados — pelas crises que ainda pesam em todo o Estado — senão também um pouco pelos impostos. A causa principal, porém, a verdadeira causa do atraso de Nova Trento, por universal consenso, são os Jesuitas.

2 — Notabilíssima — escreve o preclaro Dr. Rossi — é a fecundidade também entre os colonos de origem italiana. Casais maduros, que desde anos, haviam cessado de procriar na Itália, e a sua ignorância e sua religiosidade excluem que pudessem ser por meios malthusianos — recomeçaram aqui a gravidês.

3 — Em Ascurra há duas escolas mixtas, não subsidiadas. De regra no Município de Blumenau, tanto o Governo estadual como a Câmara Municipal, distribuem subsidios somente ás escolas alemães.

4 — Como em todo o Estado, assim também em São Paulo (Ascurra), as questões religiosas são as que mais apaixonam os nossos patricios. Atualmente eles desejariam construir uma Igreja na sede do distrito e tal não podem. Já compraram o terreno, têm prontos os tijolos, os madeiramentos, o dinheiro e a mão de obra, mas os Franciscanos alemães encarregados da cura de suas almas querem, ao invés que a Igreja seja erigida em outro lugar, em terreno pertencente ao convento, talvez para tornar mais difícil que, algum dia, os colonos mesmo, consigam do Bispo de Curitiba, um padre italiano mais conforme a seus desejos, mais capaz de atendê-los e menos hostil a seu sangue. Fui informado que os Padres Franciscanos negam a assistência religiosa áqueles colonos que na questão da igreja, não estão com eles.

5 — Como os Jesuitas de Nova Trento, assim também os Franciscanos alemães de Rodeio e em toda a linha de Guaricanas até Rio dos Cedros, exercem uma autoridade extraordinária, inconteste, meridiana. Malgrado porém o prestígio da religião, a popularidade do hábito e a santidade da vida, se me parece de ressaltar que são mais respeitados e temidos do que amados pelos nossos patrícios. Dominados eles mesmos — os Franciscanos — por preconceitos de raça, mais virulentos com gente de origem plebeia, como geralmente eles o são, não estimam e não amam os italianos, falam-lhes como o negociante se esforça em conhecer seu cliente, mas ignorando-lhes as vias do coração e nada tendo de comum com eles além do vínculo religioso, são induzidos a tratá-los sem cuidado algum em tudo o mais. O programa escolar, assim, consiste principalmente no ensino da história sagrada e no catecismo”.

II — CARTA DE FREI LUCINIO KORTE AO CONSUL ITALIANO

“RODEIO, 2 de fevereiro de 1902. Ilm^o. e Exm^o. Sr. Consul!

Faz pouco tempo, foram publicadas por V^a. Excia. algumas impressões a respeito das Colônias Italianas destas regiões, nas quais fala também dos Jesuitas e dos Franciscanos alemães. Talvez estas impressões não estavam destinadas a serem conhecidas nestes lugares, porém foram divulgadas também aqui e, vendo que essas notícias não somente podem perturbar a paz e boa harmonia até agora vigente entre a população e os Padres, mas também em quase todos os itens não correspondem á verdade e aos fatos reais, — não posso deixar de refutá-las no que são injustas.

Entristece-me muito de dever escrever com tais sentimentos quando havia eu terminado de escrever uma carta de agradecimento pelos livros escolares expedidos, porém retardados alguns meses por culpa dos transportadores: Quanto mais rofunda era a impressão recebida de sua pessoa na visita aqui feita, tanto mais amargo é agora o desengano que me causou ao ler aquelas notícias publicadas no “Bollettino Dei Affari” de Roma.

As informações a respeito de Nova Trento, não tocam propriamente a nós. Se porém V^a. Exci^o. diz que “por consenso universal os Jesuitas são a causa principal do atrazo de Nova Trento”, devo confessar que jamais ouvi semelhante sentença e como se acha sem prova alguma, cheira muito a espírito anticlerical. Nos 10 anos que tenho viajado por todo o Estado de Santa Catarina, encontrei em toda parte, como opinião unânime que Nova Trento deve aos Padres Jesuitas principalmente a sua existência e o seu progresso. Porém, defendam os Jesuitas mesmo a sua causa.

Passamos a Acurra (S. Paulo). V^a. Exci^a. parece-me que erra dizendo que “em regra no Município de Blumenau são subsidiadas somente as escolas alemães”. No passado, o Município, pelo que sei, não

subsidiou qualquer escola, nem alemã e nem italiana. Porém o Superintendente Dr. Cunha, dava do seu salário algum subsídio a algumas escolas italianas, alemãs e polacas. Desde há dois anos recebo para nossas escolas italianas mensalmente Rs. 110\$000, muito pouco para tantas (sete) escolas; porém sempre merece o nosso reconhecimento. O subsídio para as escolas alemãs é menor, pelo que eu sei. O referido subsídio foi concedido em decorrência de minhas repetidas súplicas, que eu não teria feito, se houvesse assim pouco amor e interesse dos italianos, como V^a. Exci^o. nas suas referências quer fazer crer.

Os de Ascurra já terão sabido o porque não recebem subsídio para as suas escolas.

A respeito da construção da Capela de Ascurra, esperava de V^a. Exci^o. que, se quisesse tratar do assunto, tivesse procurado informações também da nossa parte, antes de crer cegamente em certos mentirosos e caluniadores; assim teria, pelo menos, se inteirado de que os Franciscanos, em todo o S. Paulo (Ascurra), não possuem nem sequer um are de terra para construir-se uma Capela; teria sabido de que jamais foi negada a assistência devida a qualquer pessoa, seja sã ou doente; teria, finalmente, repudiado a suposição de todo arbitraria e falsa, que os Franciscanos intencionam de impedir que venha para Ascurra, de vez, um padre italiano, menos hostil ao sangue italiano. Eu, de minha parte, estou persuadido de que um padre, embora italiano, não permaneceria por muito tempo com essa gente, que já de há 20 anos, vivia quase em contínua opposição á autoridade eclesiástica. Ademais, os Franciscanos reconhecem como sua autoridade em assuntos de igreja e Capelas, somente o Revdm^o. Bispo e nenhum outro e conforme as suas decisões têm procedido até agora e o farão igualmente no futuro.

Se V^o. Exci^a. atesta que os Franciscanos alemães gozam de uma autoridade extraordinária bem como meridiona, o aceitamos mais por louvor, embora seja uma coisa um tanto exagerada. Todavia, me parece que quem compreende o verdadeiro bem duma população, não deveria estar contente visto o pouco respeito, antes o desprezo de que são hoje em dia objeto tantas autoridades, e isto com grande prejuizo aos mesmos súbditos. Que os Franciscanos tenham abusado de qualquer pessoa que seja ao mal de qualquer uma, não creio que V^a. Exci^o. poderá apontar algum fato como prova.

Que, "malgrado o prestigio da religião... e a santidade de vida", os Franciscanos são mais temidos do que amados por parte dos seus patrícios, como parece V^a. Exci^o. ressaltar; também isso não seria mau, se fosse verdade, creio, porém, que em geral, tais notícias não correspondem á verdade, talvês excetuada Ascurra. Somos acolhidos por todos com tais demonstrações de amor e de caridade, que seria grande hipocrisia se os sentimentos não correspondessem a tal sentimento. Se V^a. Exci^o estivesse aqui presente nestes dias quando da partida de um Padre de Rodeio, poderia bem melhor verificar até onde se estende a afeição dos colonos, vendo os protestos e as lágrimas.

Isso que escreve V^o. Exci^a. sobre os preconceitos de raça de que se acham imbuidos os Franciscanos alemães, eu o desejaria antes aplicar a V^o. Exci^a. mesma, ao menos as referências no Boletim, como me parece e a quem as ouviu, ainda que seja italiano, inspirou uma forte antipatia contra os alemães. Posso assegurar a V^a. Exci^o. que nós, como Sacerdotes e Franciscanos, estamos acima dos preconceitos de raça; temos abandonado para sempre, pátria, país, parentes e amigos, como também as comodidades de um país civilizado, com a pura intenção de socorrer as populações do Brasil, sem perguntar, se são alemães, italianos ou de outra nação, como de fato temos também a cura dos colonos de todas as nações. Que se nos encontramos aqui, no meio dos Italianos (dos quais porém a maior parte é do Tirol e Austríacos), será culpa minha? Vendo como estas colônias por quase 20 anos estavam abandonadas, embora as repetidas súplicas feitas pelos Colonos, não se encontrando na pátria, nenhum padre italiano para esta pobre gente, resolvemos estabelecer-nos nós mesmos, embora em outros lugares as condições eram talvez melhores. Não quero expor, com que sacrifícios extraordinários, temos construído Igreja, etc. quantos milhares de marcos alemães em dinheiro e em coisas temos gasto ao bem dos "seus patricios". Parecem-se estes sacrifícios talvez com preconceitos de raça? Acrescento que, enquanto todos os membros da paróquia, inclusive os protestantes, têm ajudado para fundar a residência fixa dos Padres no meio dos Italianos, os de S. Paulo (Ascurra), são os únicos que têm recusado qualquer auxílio, excetuadas me parece três famílias. Sinal de grande fervor para o bem da religião para si e para os outros! Ademais, o seu predecessor, o Consul Rotti, tinha neste ponto uma visão mais clara e mais justa. Quando também a ele os descontentes de Ascurra falaram dos Franciscanos, que não os amam, etc. ele refutou-os em público tal acusação, citando o simples fato que os Franciscanos vieram a habitar no meio deles.

O que consigna o Boletim, isto é, que os Franciscanos alemães são virulentos com gente de origem plebeia, que não estimam os italianos e lhe falam como o negociante, etc. estas palavras, me perdõe V^a. Exci^o. são de tal vileza que não teria jamais imaginado em Sua pessoa. Para nós, Sr. Consul, não há plebeus de condições, como para Vós; nós abraçamos o mais mesquinho e pobre com a mesma caridade, como aqueles em traje de seda; aliás como filhos de São Francisco preferimos estar com os pobres e humildes antes que com os ricos e nobres. E se os Franciscanos aqui sacrificam a si próprios, o tempo, e as forças para atender às necessidades espirituais dos colonos italianos e não temem nem o calor, nem a chuva, nem os precipícios das estradas ruins, se fazem viagens de 50 e de 100 kms, como ocorreu há poucos dias, para visitar e confortar um pobre moribundo italiano (e o temos feito já por bem 10 anos), como V^o. Exci^a. pode ainda falar de virulência "nesta gente plebeia", e dizer que não estimamos e amamos estes pobres colonos! Para se fazer de continuo tais sacrifícios, se precisa, parece-me, um pouco mais de amor e de estima, do que pro-

ferir algumas belas palavras de fraternidade, etc. De resto, que os Franciscanos alemães não temem de defender-se também contra pessoas, que não são de origem plebeia. V^o. Exci^a. o poderá revelar deste protesto; um idêntico protesto será também publicado em um dos jornais de Roma e comunicado ao Sr. Embaixador, em Petrópolis. Nos dias atuais, quando em todos os lugares são denegridos os Ministros da Igreja, em particular os Frades, com falsidades e injúrias, não podemos silenciar em prejuízo da verdade.

Finalmente ofende demais a última notícia, na qual V^o. Exci^a. escreve (ironicamente) que o programa escolar consiste principalmente no ensino da Bíblia e no catecismo! Onde teria achado tal programa não sei. A respeito de nossa escola de Rodeio devo dizer que se V^o. Exci^a. na visita que fez, se tivesse dignado de esperar meu convite para entrar na escola, eu teria podido explicar o humilde programa e o modo de proceder nas outras escolas, que são todas paroquiais e independentes, e V^o. Exci^a. teria se inteirado que além das duas horas de história sagrada e três de catecismo, restam 30 horas para contas, ler, escrever, temas, ortografia e gramática, língua portuguesa, geografia, canto e trabalhos manuais (para meninas). Nas escolas fora de Rodeio, por falta de recursos e de tempo, precisou-se restringir a: religião, leitura, escrever, contas e português. Eu posso confessar, que nos anos passados, tenho trabalhado e combatido suficientemente para introduzir e melhorar as escolas italianas nestes distritos, e é por isto que aquela notícia irônica me tem causado grande desprazer. E o que devo, finalmente, pensar da carta que me escreveu. V^a. Exci^o. poucos meses faz, na qual diz: "Agradeço vivamente a V^a. Revdm^a. pelo interesse que demonstra não somente com palavras mas também com fatos — pela instrução dos colonos italianos, etc." Como se pode combinar estas palavras de louvor com as referências meramente "virulentas" do Boletim?

Paciência para os Franciscanos alemães, lá onde os Padres Jesuítas, certamente verdadeiros patrícios de V^a. Exci^o. e não dominados por preconceitos de raça acham assim tão pouca gratidão. Haverá provavelmente já outros motivos para escrever contra os frades, sejam alemães, sejam italianos.

Teria ainda muito para escrever a V^a. Exci^o. a respeito também dos livros de escola, mas seria por demais longo. V^a. Exci^o. tem compreendido e aplaudido os meus princípios a respeito da conservação da língua e dos bons costumes dos italianos e farei sempre conforme. De resto, considero os filhos nascidos no Brasil como Brasileiros, os quais mais do que tudo, devem conhecer e amar sua pátria e que pouco importa saber muito da história e geografia da Itália e de seus heróis, os quais, em grande parte eram ainda inimigos jurados da religião. Precisamos, portanto, com o tempo, adotar livros com os quais os filhos venham a ser educados como patriotas brasileiros e não como patriotas italianos, porque de fato não o são; certa-

mente não poderá ser excluída a noticia conveniente e o apreço da pátria de seus pais. Os livros usados em nossas escolas, até agora são também os aprovados pelo Ministério da Instrução e adotados em muitas províncias da Itália; e serão, portanto, bons também esses. Se o Almté. Nasí quer introduzir outros livros, eu acho nestes livros um veneno, embora finíssimo e oculto, isto é, uma educação sem Deus, uma moral puramente natural, que se fundamente no mero respeito humano, mas não sobre o fundamento unicamente sadio e estável, como o é o decálogo de Deus e a religião. Os frutos de tal educação e moral são desde já bastante manifestos e nem em último lugar na mesma Itália.

Enfim, desculpe V^a. Exci^o. se me expressei certas vezes pouco mais amargamente que pretendia. A coisa é justa e tinha necessidade de uma defesa enérgica; eu não posso sufocar um justo anseio do meu coração especialmente quando se trata de uma coisa pública e no interesse espiritual de muitas almas confiadas á nossa cura. Sou de V^a. Exci^o. humilde servo (as) Pe. Lucínio Klorte, O. F. M. — P. S. Sendo possível e mesmo verossímel que V^a. Exci^o. tenha sido enganado por outros com informações falsas, aguardarei por um mês sua contestação”.

III — CARTA DE FREI LUCIANO AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO ITALIANO

“RODEIO, 5 de dezembro de 1907. Ilm^o. e Exm^o. Sr. Ministro! O signatário, pároco de Rodeio, constrangido pelas circunstâncias, se dirige a V^a. Exci^o. solicitando-lhe seu auxílio a respeito de um assunto de véras importante para as Colônias Italianas nesta sua paróquia. Para o melhor esclarecimento, seja-lhe permitido consignar o que segue: As Colônias italianas destas regiões foram fundadas nos anos 1876-1885; desde o ano de 1892 os colonos permaneceram quase que abandonados, sem escolas, exceptuadas talvez duas ou três, sem igrejas decentes, sem sacerdotes. Somente por 3-5 vezes durante o ano, vinha o pároco de Blumenau (distante 50 klms), para visitá-los por 2 ou 3 dias. Chegando nesse ano em Blumenau, os Franciscanos, o signatário decidiu fixar-se permanentemente aqui em Rodeio — centro das colônias. Tendo passado algum tempo na Itália podia ele satisfazer suficientemente aos colonos quanto á lingua pátria. Com amor e fervor ele dedicou as suas forças ao bem dessas Colônias por cerca 13 anos, procurando sobretudo a construção de escolas nas diversas valadas e a instrução da juventude. Com muitos sacrificios e com esforços extraordinários chegou a ver finalmente funcionando mais ou menos regularmente cerca de 20 escolas paroquiais. Tendo em vista a pobreza da população, a falta de bons professores e mais ainda a indiferença de muitos colonos, era necessário um contínuo pregar, admoestar e visitar. Teve, porém, a consolação de ver diminuir sempre mais o número de analfabetos de maneira que existem menos

nesta paróquia do que na cidade. Naturalmente não se podia esperar em tudo resultados como nas escolas da Europa: os professores eram pessoas sem instrução de colégio; o pagamento era por demais mísero — uns 10 a 20\$000 ao mês. Hoje as condições são melhores: aqui na Sede da paróquia temos uma escola com 134 alunos, educados por duas Irmãs italianas; nos outros lugares as escolas têm 100,70 e ao menos 30 alunos. Atendidas as condições pouco favoráveis se pode dizer que a instrução e a educação de nossa juventude é melhor do que em tantas outras cidades do Brasil. As escolas foram visitadas no transcorrer dos anos, diversas vezes pelos Srs. Consules como pelo Ilmo. Sr. Conte Rotti, Sr. Príncipe Pio di Savoia, Sr. Caruso Macdonald e por outras pessoas competentes e todos ficaram satisfeitos e tiveram palavras de louvor pelos esforços feitos em prol da instrução escolar. O signatário não deixou de pedir, em tais ocasiões e com outras súplicas, algum subsídio para as escolas por parte do Governo, seja da Itália, seja da Áustria (a maior parte dos colonos vieram do Trentino). De fato, nos últimos anos, obteve algum subsídio em livros e material escolar. Assim chegou o ano de 1905, no qual o signatário, tendo sido eleito Superior Provincial, teve que partir daqui e estabelecer residência em Petrópolis. Terminado o tempo de seu officio, de novo foi eleito Guardião e Pároco de Rodeio e assim desde há pouco tempo se encontra no antigo encargo. Mas, nesse interregno, nasceram aqui dificuldades que agora ameaçam produzir grave confusão e discórdia. O Sr. Consul em Florianópolis, Caruso Macdonald, nomeou, faz pouco tempo, uma Comissão para dirigir e inspecionar as escolas. Esta Comissão declara que para receber no futuro, o subsídio em dinheiro e livros, os colonos devem reconhecer dita Comissão como diretriz escolar. Ora, o signatário reconhece de bom grado o direito do Governo competente de supervisionar a aplicação do subsídio que dá, bem como de inspecionar o progresso das escolas subsidiadas. Mas sendo estas mesmas escolas fundadas e até agora visitadas regulamente e dirigidas pelo pároco, não é justo e nem conveniente retirar dele a direção sem algum motivo razoável; poisque, o que o Governo pode desejar e exigir: a conservação da língua e os costumes da pátria, justamente dele foi sempre exigido, não obstante os esforços de tantos colonos mesmo para ter escolas brasileiras. Ademais os mesmos colonos não desejam outra direção e a maior parte deles renunciaria antes o subsídio. Mas o que mais que tudo causa confusão é que: 1º. — Na Comissão citada não se encontra pessoa alguma capaz de dirigir escolas e examinar e instruir os professores porque não sabem, exceptuado talvez um, nem mesmo escrever uma carta corretamente e sem erros gramaticais graves, como provam cartas por eles escritas; 2º. — Todos os membros da Comissão com palavras e atos declaram-se “Socialistas” e como tais, através jornais subversivos, por ex. “L’Asino”, “L’Avanti”, etc. O chefe da Comissão, certo Pellizzetti, talvez o mais instruído deles, é um socialista declarado, o qual já arruinou, com suas doutrinas perversas, uma boa parte da juventude. O

signatário supõe que o Sr. Consul não tenha conhecido bem estas pessoas, pois não teria feito tal escolha fatal. O povo aqui é bom, dócil, de bons costumes e verdadeiramente religioso; conquanto que não rico. vive todavia contente e para outras nações serve como exemplo de operosidade e moralidade. Quanto a esta última, basta lembrar que até agora a paróquia não teve mais que 1-2% de filhos ilegítimos. V^a. Exci^a. saberá talvez melhor que todos, quanto vale a religião para um povo, em particular para os pobres: é para eles o único conforto, a única consolação nas suas misérias. Seria, portanto, a ruína moral e social para estas valadas, se a tais pessoas fosse confiada a direção das escolas e quem deseja o bem do povo, deve opor-se a tal tentativa. Por esta razão, o signatário vem pedir a V^a. Exc^o. que, com Sua autoridade, queira remediar o mal antes que se torne irremediável. O Governo da Áustria, até agora, sempre expediu o subsídio ao pároco e este reenviou ao sr. Consul os recebimentos aos diversos professores através inspetores escolares. Mas aceitar-se voluntariamente uma vigilância mais exata sobre a aplicação do subsídio e sobre o progresso dos alunos, requer-se que sejam nomeadas pessoas que gozem da estima do povo quanto ao saber e em particular quanto á vida moral. Não pode ser senão ao bem das escolas, se uma tal Comissão agisse em boa harmonia com o pároco, o qual como diretor das escolas é responsável ainda perante seu Bispo, ao menos no que respeita á instrução religiosa. O Signatário não almeja outra coisa que tornar os seus paroquianos homens bem instruídos e educados como cidadãos e como cristãos, considerando-se que um homem ignorante não será jamais um bom cristão como também que um homem sem religião não será jamais um bom cidadão, que cumpra os seus deveres frente á auto-ridade e ao seu próximo, não por medo de pena mas por delicadeza de consciência. Com estima subscrevo-me seu servo admndor e grato. (as) Frei Lucinio Korte, Pároco de Rodeio”.

IV — CARTA RESPOSTA DO CONSUL ITALIANO

“R. CONSOLATO D'ITALIA in Florianopolis. Em 22 de junho de 1908.

Rvm^o. Pároco: Acuso o recebimento da prezada carta de V. S. Revma. de 9 do corrente, que me apresso a responder. Este Régio Consulado, desde 4 de junho de 1906 nomeou uma Comissão Escolar, presidida pelo Senhor Ermembergo Pellizzetti, com a incumbência de distribuir o material escolar e os subsídios pecuniários ás escolas onde o ensino fosse ministrado em língua italiana e onde se procurasse infundir no ânimo dos alunos de par com o amor á sua pátria de nascimento: o Brasil, — o respeito e a estima á pátria de seus pais: a Itália. Nas instruções por mim enviadas á dita Comissão, recomendava de não coibir de forma alguma, o sentimento religioso dos alunos; aconselhava antes de permitir nas escolas subvencionadas, o ensino religio-

so, em homenagem á fé professada pela totalidade de nossos compatri-
cios. É de meu conhecimento tudo quanto fez V. E. R. em prôl da
instrução pública e lhe rogo de crer que com a nomeação da Comissão,
não acreditei de cometer ato algum hostil, nem ocupar o campo a vós
reservado. Tanto eu, como V. E. R. podemos proceder em perfeito
acordo, por vias que conduzem ao mesmo fim: o melhoramento inte-
lectual e moral dos colonos italianos. Enquanto que eu me ocuparei do
lado educativo patriótico, V. E. R. se encarregará do lado educativo-
religioso. Ao que me consta (e me o foi afirmado também por pessoas
digníssimas de fé e amigas de V. S. R.), a Comissão Escolar no exer-
cício de suas funções, não fez até agora qualquer ato que possa melin-
drar sua susceptibilidade, nem procurou fazer nas escolas propaganda
alguma antireligiosa, coisa que eu não teria jamais permitido. Devo,
porém, deplorar a linguagem, nem sempre condizente e correta, a res-
peito deste Consulado, do jornalzinho "L'Amico" e estou certo de que
esses desentendimentos poderiam ser evitados se, como V. E. R. o está
fazendo agora, tivesse havido meios de entender-mo-nos. Posso asse-
gurar-lhe que estou animado das melhores intenções, para que, em
acordo com V. E. R. se possa fazer qualquer coisa de bom e útil no
interesse destes compatricios. Não creio, porém, de efetuar, por en-
quanto, alguma mudança na Comissão Escolar, visto que isso poderia
agravar o estado de excitação dos ânimos, devido aos recentes con-
trastes escolares; nem a Comissão fez coisa que possa desmerecer da
confiança que nela depositei. A inclusão de V. E. R. na Comissão,
coisa que teria feito com muito prazer, se não estivessem ainda vi-
vos os atuais dissídios, neste momento não a acho oportuna. Esperan-
do poder manter sempre com V. E. R. os melhores relacionamentos,
por enquanto sirvo-me da ocasião para cumprimentá-la distintamente:
O Regente (as) G. Garuso Macdonald".

V — CARTA DO BISPO DIOCESANO

"FLORIANOPOLIS, em 13 de Junho de 1910.

Rvm^o. Sr. Vigario Pe. Chrysostomo:

Com relação ao que lhe tenho communicado em missivas ante-
riores sobre a questão das escolas parochiaes, tenho de acrescentar que
a minha opinião de que não se trata simplesmente da conservação da
lingua italiana, mas de mais alguma coisa, se vai confirmando á me-
dida que observo o desenvolvimento. Queriam, portanto, os Revmos.
Padres continuar a fazer a mais larga propaganda das escolas catho-
licas, sem entretanto, attacar directamente os adversarios. Deve-se-
lhes dar toda a deferencia sem sacrificar os principios catholicos. Os
Directores do movimento escolar italiano, querendo nomear Directorias
regionais, fazem empenho pela entrada, na directoria, de um sacerdo-
te. Por melhor que appareça á primeira vista essa ideia temo envolver

ella, no futuro, um serio perigo para as escolas. Quero, porem, ouvir, neste assumpto, a opinião dos Padres de Rodeio e saber qual a impressão que poderia fazer nesses arredores, a entrada de um sacerdote na Commisão. Queira, Rev. Snr. Vigario, communicar-me, quanto antes, estes pontos. Ha de chegar lá, por estes dias, o delegado escolar regional deve ser recebido com todas as demonstrações de estima, não fazendo, porém, compromissos nem aceitando qualquer nomeação sem consultar a Auctoridade diocesana. De V. Revma. Am^o. Obr^o. (as) João, Bispo de Flplis”.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

“A Mulher do Zé das Bombas Etc.”

BARÃO DE SACUJIT

Livraria e Gráfica do Vale — Blumenau — 1978.

○ Barão de Sacujit tornou-se muito conhecido como autor de uma coluna que o jornal “A Nação”, dos Diários Associados, publicou com certa regularidade alguns anos atrás. Mas afinal, quem seria o nobre autor daquelas colunas, sempre tão mordazes, tão eivadas de humor? Ninguém ficou sabendo, porque há longo tempo o Barão esteve no silêncio. Muitos pensavam que o Barão fosse “Mano Jango”, outro colunista do mesmo jornal, cujo estilo era praticamente o mesmo. Eis que agora, passados muitos anos, desvenda-se o mistério: alguns amigos do Barão de Sacujit resolveram promover o lançamento de um livro do famoso humorista, trazendo-o de volta ao cenário das letras blumenauenses. Convidados para o evento, recepcionados pelo próprio “Barão”, de chapéu de côco e bengala, vamos afinal conhece-lo. Nobre? Sim, porque nasceu em terra nobre. O Barão de Sacujit é nada mais, nada menos, que Alexandre Gomes, e Sacujit — attem é Tijucas, escrito ao contrário. Pois bem, Barão de Sacujit, ou Alexandre Gomes, nascido em Tijucas, terra de gente boa, é o nosso autor, num livro muito interessante, onde despontam “quadrinhas” e prosas. Escrevendo de forma simples, às vezes no linguajar do próprio caboclo, o autor nos brinda com uma sequência muito gostosa de fatos e ditos populares, tirados do dia-a-dia tijucano. O prefácio foi entregue a João Vieira (o “Mano Jango”), que — não por mera coincidência — também nasceu em Tijucas. As ilustrações, de CAO (Carlos Hering), revelam mais uma vez a firmeza de traços e o humor nato deste jovem chargista blumenauense. Assim, ao acaso, tiramos de “A Mulher do Zé das Bombas Etc”, um trecho que diz:

“O Gaturamo

O gaturamo é um passaro pequeno, de dorso azulado ou esver-

deado, amarelado na região ventral. É ave frugívora, muito apreciada em viveiros ou gaiolas, dada a beleza de suas cores e, especialmente, pelo seu belo canto. Em São Francisco do Sul chamam-no, pleonásticamente, de “bonito-lindo”. Dizem que, mormente se preso, morre de tanto cantar.

Passei a vida cantando
cantando porque te amo
Fui dar-te um beijo, disseste:
— Sai daí, seu gaturamo . . . ”

Se em “O Gaturamo”, Sacujit é singelo, puro, poético, em outros casos revela-se de uma malícia ferina, mordaz, como nesta “quadrinha:

“A “boa” passou por mim
Piscando o olho... Topei...
Distintos, foi o meu fim...
Que vergonha que eu passei!...

Em outras ocasiões, é preciso saber ler o “Barão”. Como ele ensinou, por exemplo, ao apresentar o livro e ao recitar “A Morte do Cumpadre Niquinho”, uma das melhores páginas de humorismo que já tivemos ocasião de ler (e sentir, depois de recitada pelo autor).

A obra encerra com o conto “A Mulher de Zé das Bombas”, cuja piada final é imprópria para menores. Enfim, o livro está aí. Autor e ilustrador ingressam, com ele, no cenário das nossas letras; e de forma auspiciosa. O julgamento cabe agora aos leitores.

IRIAMAR, de Pinheiro Neto

Editora Lunardelli — Florianópolis — 1978.

Em Santa Catarina o movimento literário pode não ser muito intenso. Mas pelo menos é constante. Constante e teimoso, felizmente. A última prova nos chega em forma de novo livro: “Iriamar”, contendo poesias de Liberato Manoel PINHEIRO NETO. O mesmo Pinheiro Neto que durante certo tempo assinou a coluna “CESTO” no extinto suplemento dominical do “Jornal de Santa Catarina”.

Pinheiro Neto, para Celestino Sachet, é um “artista insatisfeito com o mundo que lhe é oferecido”.

O próprio Pinheiro Neto esclarece:

“Como todo poeta não me preocupo com uma linguagem “bonita”, mas em transportar para o papel o que pode estar no íntimo da humanidade”. O livro divide-se em vários capítulos: o primeiro é IRIAMAR. Segue-se, IRIMAR. Depois, vem IRIAR. Em seguida, IRIA. No final: IR. Como vemos, a denominação que o Autor dá a estes capítulos, já representa, em si, uma experiência de poesia revolucionária, onde as letras vão se esvaindo, fugindo, deixando outras, a quem cabe sustentar as poesias que lhe seguem. A parte mais expressiva, porém, é a que está enfeixada no IR: Experimento I e Ex-

perimento II, com poemas processo, onde o autor joga com objetos e figuras, deixando ao leitor a incumbência de melhor sentir o impacto das suas idéias. Não é por menos que a Revista VOZES, editada em Petrópolis, considera Pinheiro Neto o expoente número um da poesia experimental catarinense.

O presente trabalho é co-editado pela UDESC-Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, que conta com ilustres membros no seu Conselho Editorial: Silveira Júnior, Iaponan Soares, Theobaldo Jamundá, Orlando Murphy, Walter Piazza e Walter Celso Lima.

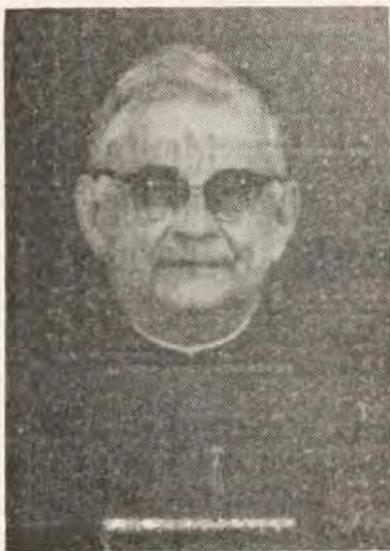
Na capa vamos encontrar um trabalho de Fábio Lunardelli, com arte final de Orlandivo Nocetti Junior.

FIGURAS DO PASSADO

— Leopoldo Bauer —

MONSENHOR HARRY BAUER

Aos 28 de março de 1904, nascia do casal Leopoldo e Evelina Bauer, um menino forte e robusto, que na pia batismal recebeu o nome de HARRY. Era, portanto, neto de João Bauer, um dos pioneiros fundadores de Brusque.



Desde cedo, demonstrou ter grande vocação sacerdotal, pois nos primeiros anos, já gostava de brincar: “celebrar a santa missa”.

Incentivado por piedosa e saudosa Mãe e por seu inesquecível Avô João Bauer, que custeava os estudos dos primeiros netos, partiu para o Seminário de S. Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde logo revelou, pela sua capacidade, inteligência e amor á causa de Deus e da religião.

Enfim chegou o grande dia de sua ordenação sacerdotal e celebração de sua primeira Sta. Missa, que encheu de júbilo o neo-sacerdote e seus familiares.

Daí em diante não parou mais a sua carreira ascencional, quer como Vigário de Joinville, quer como Secretário do Senhor Arcebispo, quer como Vigário Geral, e Cura da Catedral Metropolitana, onde se distinguiu como um dos grandes e melhores oradores sacros do Estado de Sta. Catarina.

Nas grandes solenidades, em Florianópolis, sua palavra de fé

límpida e clara e sua voz penetrante, cheia de ensinamentos sábios, era ouvida, com todo o respeito e admiração, gozando de grande fama oratória.

Foi também um dedicado admirador e conselheiro das Irmãs da Divina Providência, em cujas casas gozava de grande estima.

Aos poucos e com muito pesar, foi se revelando sua doença, a diabete, e assim notou descrescer sua visão, ao ponto de ter que se retirar de seus trabalhos apostólicos e recolher-se em casas de saúde, onde, dentro do possível, exercia seu ministério.

Tinha sua casa de descanso, na Praia do Perequê, onde gostava de repousar e celebrar a Sta. Missa, em sua Capelinha, na mesma casa, sempre com grande número de assistentes e amigos. Fazia, ainda, a vez de Vigário de Porto Belo, quando lá estava, por cujo templo tinha uma estima especial.

Nos últimos anos, pois faleceu aos 70, sofreu muito, com a falta da vista, cada vez mais fraca, mas sempre firme na fé e resignado, pois seu espírito era muito forte.

Recolheu-se, enfim, ao Hospital Miguel Couto em Ibirama, onde passou os seus últimos dias, com perda total da visão e a diabete lhe minando todo o organismo.

Assim, em janeiro de 1974, desaparecia o grande MOSENHOR BAUER, que fez tantos amigos, que espalhou a palavra de Deus com tanta fé e amor, que foi um exemplo de sacerdote, que passou por este mundo, semeando o bem e a verdade.

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:

Cartas dirigidas pelo Dr. Blumenau ao presidente da Província denunciam novos ataques dos bugres às residências dos colonos, deixando morte e desolação

1ª. Carta

“Diretoria da Colonia Blumenau, 5 de março de 1877. — nr. 9 — URGENTE. — Ilmo. e Exmo. Snr. —

Cabe-me o infausto dever, respectivamente, participar á V. Ex^{ca}, que os BUGRES SELVAGENS na madrugada do dia tres deste mes praticaram mais uma correria — desta vez na Tatutyba-III, vale e distrito lateral na parte superior do ribeirão Itoupava, à cerca de quatro léguas de distância do lugar no rio das Pedras, em que roubaram e mataram em Outubro p. pdo.. Protegidos por alto milho em pé, haviam se aproximado à casa apenas construida, do colono Luiz Menke, homem muito diligente e trabalhador, que com sua mulher e tres filhos de tenra idade nela se achava, tomando tranquilamente café, quando ficou sobressaltado por uma chuva de

flechas, que entraram pela cumieira e todas as aberturas das paredes ainda incompletamente fechadas, aparecendo ao mesmo tempo com selvagem bramido nas proximas alturas já desguarnecidas do mato, numerosissimos bugres. O infeliz, apenas entrado em julho do ano pr. pdo. fugindo precipitadamente com os filhos nos braços, escapou, é verdade, como a familia á morte e ao assassinato, mas quando, auxiliado pelos vizinhos, voltou á casa se achou totalmente espoliada a ponto, que até a espingarda e o papel moeda havia sido levado, ficando sem pecúlio, reduzido á roupa, que ele e os seus trajavam no corpo — cinco dias antes o pobre homem, aliás muito econômico, havia recebido o resto dos pagamentos, que lhe competiam, na importância de 73\$000, para acabar sua casa, etc., e agora ficou quasi nu, até sem espingarda e com dividas pela assistência, que outros lhe haviam prestado; até os tres porcos e uma porção de galinhas, marrecos, etc., que ele já possuia, não escaparam e toram roubados. O valor de todos estes objetos, segundo a enumeração, que o prejudicado, muito fidedigno, como me parece, me entregou, chega á cerca de 150\$000, além dos referidos 72\$000 em papel moeda e..... 4\$000 em nickel.

Além disso, surpreenderam os bugres o dono do lote nr. 17, Hermann Adam, occupado na construção de sua casa, que felizmente tambem escapou com vida, mas teve a abandonar toda a sua ferramenta de carpinteiro, no valor de 35 á 40\$000.

Ao primeiro dos ditos prejudicados, mandei adiantar, por ora, 15\$000 para suas mais urgentes necessidades, solicitando respeitosa-mente, V. Ex^o. me queira autorizar, para lhe fazer pagar a indenização, NÃO á reembolsar, de cem — 100 milrês, importancia esta, que o Governo Imperial e a Presidência da Provincia em taes emergências, sempre autorizaram e concederam, sendo ela, aliás, em regra muito longe de corresponder aos prejuizos realmente sozridos.

Também seria equitativo e conveniente, conceder-se ao referido Hermann Adam uma pequena indenização, sejam somente 25\$000, e também para ela me animo, respeitosa-mente solicitar a autorização de V. Ex^o.

Diferentes corajosos vizinhos dos surpreendidos e logo depois também os batedores do mato se puzeram á pista em perseguição dos selvagens, não podendo realmente reprimir o desejo de que uma vez enfim sejam alcançados e recebam uma severa lição de que não são invioláveis nas suas proezas — , porque ESTAS ocorrências e a constante incerteza e falta de segurança põe ao desespero o pessoal desta Diretoria, sobretudo á mim, e todos os habitantes nas partes recentemente colonizadas. É infelizmente para temer, que esta correria não seja a última antes da retirada dos bugres para os pinhais d'acima da serra, que costuma ter lugar no mez de Maio, e muito hei de respirar e alegrar-me, se até esta época não tivermos á lutar com mais alguns sinistros de tal natureza.

Ao mesmo tempo, porém, e por estas razões, não posso assumir as responsabilidades, de aconselhar e realizar, como aliás tive em mira, o afrouxamento nas medidas preventivas EXTRAORDINARIAS, executadas desde Novembro, opinando ao contrário e á vista desta recente correria, que se deverá continuar com elas até aos meados de Maio. V. Ex^o. contudo determinará, o que julgar mais acertado, certo de que será obedecido com todo o zelo e circunspeção — a respectiva despesa é grande, é verdade, mas novos atentados e assassinatos também haviam de constituir males muito sérios!

Enfim ouso mais uma vez e com urgencia implorar a benevolenta intercessão e lembrança de V. Ex^o. para com o Ministério da Agricultura, afim de que com a maxima possivel brevidade seja resolvido sobre o engajamento de um interprete — dos bugres — e a competente viagem do Comandante dos batedores do mato, Frederico Deeke, para a provincia do Paraná, negocio este de que tratava meu officio, dirigido a V. Ex^o., de 24 de Janeiro ultimo. — Deos Guarde a V. Ex^a. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Jozé Bento de Araujo — Presidente desta Provincia. — O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau.”

2^a. Carta

“Nr. 16 — Diretoria da Colonia Blumenau, 2 de abril de 1877. Ilmo. e Exmo. Snr.

De novo cabe-me o desagradavel dever, participar á V. Ex^o., que os bugres praticaram, faz oito dias, uma correria no ribeirão da Rega, confluyente do rio do Testo superior, sem porém, poderem, felizmente, causar mortes, como saquear casas, porque a tempo foram descobertos e afugentados. O alarme porém de novo foi grande e sempre mais desesperador e pernicioso para todos os interesses, tornar-se este estado de cousas. Bem que os rastos daquela partida de bugres, que, faz um mez, praticaram o saque nas cabeceiras da Itou-pava, se dirigiram para o Itapocu e a serra de Jaraguá, parecem todos ser da mesma horda.

Não querendo repetir considerações, que já por muitas vezes fiz, cumpre contudo dizer que, se não se tomar com brevidade alguma providencia acertada, qual sobretudo o engajamento de um interprete, — de Setembro proximo adiante se tem a temer acontecimentos muitos graves!

Tenho ainda a honra de apresentar á V. Ex^a. a inclusa Estatística da imigração, nesta colonia no Mez de Março. — Deos Guarde V. Ex^o. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Jozé Bento de Araujo — Presidente desta Provincia. — O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau”.

3^a. Carta

“Nr. 14 — Diretoria da Colonia Blumenau, 4 de Fevereiro de 1878.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Cabe-me o bem triste e desagradavel dever, á V. Ex^o. partici-

par, que em pleno dia, entre as duas e tres horas, do domingo, 24 do mez ppdo., os bugres selvagens fizeram um ataque, nesta colonia, á casa de morada do colono tyrolez e excelente trabalhador funileiro e lavrador Jacob Zecchini, dono do lote nr. 1 da Estrada dos Tyrolezes, a qual é uma via muito frequentada, matando á flechadas o mesmo e mais uma menina de 14 anos, que da casa passava para a estrada, filha do colono Jacomo Dallabona. Ao mesmo tempo feriram, felizmente sem sério perigo, a mulher e dona da casa e ainda mas mui ligeiramente, um vizinho, que ali se achava, saqueando em seguida completamente a casa e levando também, além das duas boas espingardas do Zecchini, mais 5 outras, entregues para conserto. Achando-se a casa numa grande roça de milho, que chegou até ela, a aproximação dos bugres foi facultada, é verdade, mas o modo do ataque evidenciou um atrevimento inaudito, bem como foi grande o numero dos bugres, orçado com 25 a 30 homens. E entretanto que dantes em diferentes partes da colonia se haviam levantado gritos de alarma, que pelas immediatas pesquisas dos batedores de mato se haviam evidenciado como falsos, nesta parte os numerosos e aglomerados habitantes, não haviam observado sinais alguns, nem com boa razão se podia nutrir apreensões de que eles, os bugres, jamais se atrevessem a atacar uma casa em lugar tão densamente povoado. No entanto, porém, tenho no dia seguinte se reunido e perseguido uma porção de colonos aos bugres, acharam sinais, de que estes se demorassem num morro alto na vizinhança durante sofrivel numero de dias, tendo levantado alguns ranchos com fogueiras e devorado, além de muitas espigas de milho, o palmito de cerca de 400 jicaras! Retirando-se ou sendo afugentados, os selvagens, do seu refúgio, ainda levantaram infernal algazarra provocadora e, ameaçadora, indicando outros sinais ainda desta vez e confirmando a opinião, de que tais correrias sempre são dirigidas ou praticadas, menos pelos proprios selvagens do litoral, mas sim pelos bandos de malfeitores **d'acima da serra**, não havendo a cessar enquanto não se praticarem as severas represalias e lições, em que desde longos anos tenho insistido, mas sempre sido inibido por um filantropismo, que pode ser muito generoso, mas nestes casos é, assim como o evidenciou a experiência de tantos decenios e tantas dezenas de vitimas — muito mal entendido e apropriado.

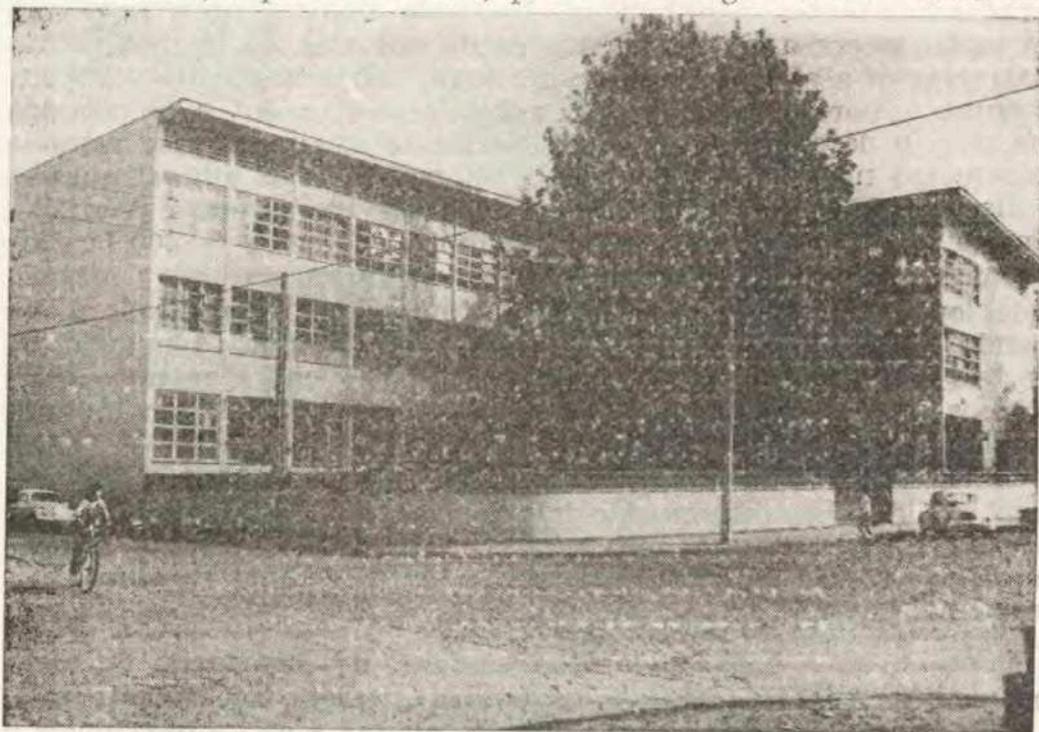
Tendo logo despachado o comandante dos batedores de mato com sua força para perseguir os bugres, tiveram infelizmente muito a lutar com as copiosas e frequentes chuvas e as subsequentes e altas cheias, que ainda perduram. Logo depois da volta da força não deixarei de fazer mais participações concernentes à V. Ex^a. sobre esta matéria, que me preocupa de modo o mais sério e penoso, por tornarem-se tais ocorrências em obstáculo muito sério para a colonização dos sertões, aliás tão prometedoras, de todas estas partes, e a tranquillidade dos habitantes, que já existem.

Despachei também imediatamente o médico ao lugar do sinistro; mas infelizmente ele só pôde cuidar das duas pessoas menos mal feridas, tendo na sua chegada já sido inhumadas as duas barbaramente assassinadas. — Deos Guarde á V. Ex^o. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Joaquim da Silva Ramalho, Presidente desta Província — O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau.

Escola Básica “Barão do Rio Branco” registra este ano o Jubileu de Prata

Ha 25 anos passados, ou seja, dia 3 de março de 1953, a Comunidade Evangélica de Blumenau fundava a Escola Primária “Barão do Rio Branco”, depois de haver obtido o certificado de registro na Secretaria de Educação e Cultura do Estado, despachado a 12 de fevereiro do mesmo ano.

Embora já funcionasse desde 1950 com o Jardim de Infância 2 de Setembro, a partir de 1953, passou a integrar-se no setor do



ensino primário, tendo então desenvolvido trabalho dos mais proveitosos e eficientes em favor do ensino em nosso município. O Jardim de Infância pode ser considerado como o ponto de partida das atividades educacionais daquela Comunidade.

Para dirigir a Escola recém-instalada, foi convidada a profes-

sora dona Ilse Schmider, tendo sido procedido ao ato inaugural com a presença de diversas autoridades civis e da Igreja. O sr. Willy Berndt, presidente da Comunidade Evangélica, cumprimentou os presentes, tendo o Dr. Marcilio Medeiros, Juiz da Comarca, após hasteamento da Bandeira e descerramento do retrato do Barão do Rio Branco, proferido brilhante discurso, congratulando-se com a Comunidade pela inauguração do estabelecimento de ensino, pela feliz idéia de dar ao mesmo o nome de "Barão do Rio Branco", num gesto que perfeitamente traduzia a gratidão devida ao estadista e diplomata a cuja operosidade, patriotismo e lucidez, o Brasil deve serviços inestimáveis. O sr. pastor Rolf Duebers fez a prece inaugural e discorreu sobre a importância da educação da criança dentro dos princípios cristãos, para o respeito aos mandamentos de Deus e das autoridades constituídas.

Estes foram os detalhes do fato histórico que marcou, dia 3 de março de 1953, uma nova e promissora fase da Comunidade Evangélica no âmbito educacional de Blumenau.

A partir de 1973, nasceu a "Escola Básica Barão do Rio Branco", com o registro aprovado na S.E.C. do Estado em data de 2.1.1973. Em março de 1977, é iniciado o Curso de 2º. Grau da Escola "Barão do Rio Branco", com 47 alunos matriculados. Em maio do mesmo ano, é encaminhado à Secretaria de Educação do Estado, o processo de solicitação da substituição do nome da Escola, que a partir de 20 de junho de 1977, passou a chamar-se "Escola de 1º. e 2º. Grau Barão do Rio Branco".

Iniciando suas atividades com apenas 16 alunos no 1º. ano, em 1953, o número de matrículas cresceu progressivamente como o renome da Escola. Em 1956, quando pela primeira vez funcionavam as quatro séries primárias completas, já contava a Escola com 164 alunos. Em 1973, com vinte anos de atividades, o número de alunos quase dobra novamente. São então 628 crianças blumenauenses frequentando a Escola da Comunidade.

Finalmente, nos dias de hoje, por ocasião do Jubileu de Prata, apresenta o estabelecimento, orgulhosamente, um total de 880 matrículas. O arquivo escolar comporta um total aproximado de 3.000 nomes de alunos que passaram por aquela casa de ensino. Os livros de chamada de 1º.s séries demonstram que 2.200 alunos foram alfabetizados durante este quarto de século em seus bancos escolares. Isto só basta para testemunhar o valor do trabalho desenvolvido pela Escola nestes 25 anos de atividade.

Ao encerramento do registro que ora fazemos em "Blumenau em Cadernos," é de justiça lembrar que um Conselho Diretor, composto de elementos da mais elevada reputação nos meios comerciais e industriais de Blumenau, zela com mão firme e generosa pelo desenvolvimento da Escola. São membros natos: Sr. Arno Gaertner (Presidente da Comunidade Evangélica de Blumenau), Sr. Harry

Hahnemann (Presidente da Comunidade Evangélica — Paróquia Centro), Sr. Pastor Meinradt Piske (Pároco da Comunidade Evangélica de Blumenau — Paróquia Centro). São membros efetivos: Sr. Udo Schadrack (Presidente do Conselho Diretor), Sr. Cláudio Gaertner, Sr. Conrado Egerland, Sr. Gerd Fritzsche, D^a. Ilse Jansen, D^a. Ina Hering, Dr. Victor Fernando Sasse. São membros suplentes: Sr. Adolfo Fey Sr. Armin Odebrecht, Sr. Egon Santos, Sr. Hans Prayon. D^a. Ilka Greuel, D^o. Marlies Koffke, Sr. Roberto Baier, Sr. Werner Siebert e Sr. Wolfgang Schrader. Nomeada, segundo deliberação do Conselho, pelo Presidente da Comunidade Evangélica de Blumenau — Paróquia Centro, exercer a função de Diretora Administrativa da Escola a professora D^a. Ilse Schmider, cuja capacidade de trabalho, demonstrada desde a fundação da Escola ocorrida ha 25 anos, tem sido uma constante. Pode-se afirmar mesmo que os melhores anos de sua vida, dona Ilse dividiu entre as obrigações de seu lar e os deveres de educadora.

A todos os que, de uma ou de outra forma, contribuíram, nestes 25 anos, para o desenvolvimento da hoje Escola de 1^o. e 2^o. Grau "Barão do Rio Branco" e, conseqüentemente, pelo alto nível do ensino básico de Blumenau, as saudações efusivas de "Blumenau em Cadernos".

Subsídios à Crônica de Blumenau

OS PRIMÓRDIOS DA INDÚSTRIA TEXTIL EM BLUMENAU

(Por FREDERICO KILIAN)

A conceituada firma Companhia Textil Karsten, estabelecida na localidade de Testo Salto dêste município, pode festejar neste ano os seus 105 anos de existência, conforme se pode deduzir dos noticiários publicados no jornal "Blumenauer Zeitung" do ano de 1883 e seguinte.

Assim encontramos na edição do dia 16 de junho de 1883, do mencionado jornal, uma nota informando que o maquinário da tecelagem e fiação dos Senhores Karsten, Roeder e Hadlich já se achava em adiantado estado de montagem e que em poucas semanas a fábrica começaria a trabalhar e produzir. O retardamento da montagem foi originado pelo fato de ter sido necessário reparar e substituir várias peças do maquinário da fiação e dos teares que haviam se quebrado ou sido danificadas no transporte da Europa até ao local do destino, o que não era de admirar considerando-se que ha cento e tantos anos os meios de transporte e os aparelhamentos de cargas e descargas eram bem mais primitivos do que hoje em dia, o que atrazou a montagem. Mas, sob a orientação do diretor técnico da empresa, o

senhor Roeder, foi possível, finalmente, vencer também este obstáculo imprevisto, com a confecção de novas peças e reparo das danificadas, o que foi feito com o auxílio de habéis mecânicos e artifices. Para poderem iniciar com a produção logo após a instalação da fábrica, os empreendedores já haviam adquirido algumas centenas de arrobas de algodão dos colonos, os quais com a devida antecedência já tinham sido estimulados ao plantio do algodão, assegurando-lhes preço compensador e a compra a dinheiro contado, o que muito contribuiu para que muitos deles atendessem ao estímulo, já que em geral o comércio naquela época se baseava na troca dos produtos coloniais por mercadorias.

Ainda na fase das experiências da fábrica, conseguiram os proprietários da mesma apresentar aos comerciantes locais e aos interessados, provas dos tecidos do estabelecimento, produzidos pelo primeiro tear montado.

Relata o "Blumenauer Zeitung" do dia 15 de Dezembro de 1883 que as amostras trazidas, revelaram a boa qualidade dos produtos, tratando-se de fazenda consistente e sólida apropriada para confecção de roupas resistentes, à prova aos serviços na lavoura e oficinas. As amostras foram produzidas no primeiro tear montado em fins do ano de 1883, mas asseguravam os fabricantes que estavam sendo montados outros teares destinados ao fabrico de fazendas mais finas, para confecção de roupas e vestidos, capazes de competir com as fazendas importadas, sendo que, em vista destas amostras e a boa qualidade do produto, conseguiram efetuar a venda antecipada de seus produtos.

Não foi fácil vencer esta primeira etapa, pois mal se propalava do intento e dos projetos destes tres pioneiros da indústria têxtil em Blumenau, não faltaram os que, seja por ignorância, cepticismo nato ou por inveja, preconisavam o fracasso do empreendimento, chegando mesmo, em palestras e em contato com os colonos, a desaconselhar estes do plantio e cultura do algodão, pois não acreditavam na realização ou duração do empreendimento.

Haviam, porém, outros que, prevendo na implantação desta novel indústria, um fator positivo para o desenvolvimento econômico da colônia, apoiavam de forma decisiva e encorajavam os empreendedores no prosseguimento de seu intento e na realização de sua obra. Entre estes, destacou-se o jornal "Blumenauer Zeitung" que tinha como proprietário o Sr. Hermann Baumgarten e redator responsável naquela época o senhor Anton Haertel e que, em sua edição de 9 de fevereiro de 1884, em artigo de fundo, dedicou aos empreendedores, senhores Roeder, Karsten e Hadlich, seus aplausos pelo trabalho e dedicação que tiveram na execução do plano idealizado e manifestando suas congratulações pela consecução deste intento com a inauguração da fábrica.

Destacamos aqui alguns dos principais tópicos daquele artigo, já que a exiguidade do espaço disponível em "Blumenau em Cadernos"

não nos permite transcrevê-lo em sua íntegra, o que, aliás, bem merecia, dada a importância do acontecimento e a eclosão da indústria têxtil no Vale do Itajaí pelo mesmo originado.

Diz o articulista: “Desde o início, quando a atual fábrica era apenas assunto de conferência e debates entre os empreendedores, acompanhamos com vivo interesse e simpatia tudo quanto era proveitoso para a realização do projeto e proporcionamos-lhes em nosso jornal todo o apoio moral, encorajando-os no seu intuito, chamando ainda a atenção da população local para a importância do empreendimento e refutando críticas e opiniões malevolentas. — Realizou-se a idéia e concretizou-se a obra que ora se apresenta, acabada e em atividade. — Nasceu do esforço próprio e perspicácia de seus idealizadores, que, com trabalho constante e perseverante, venceram todas as dificuldades e percalços, sem poupar as suas energias e economias.

Assim, como toda a inovação tem seus contrariadores, estes também surgiram aqui e não podemos compreender o porque desta campanha contra este empreendimento e o afã de querer provar a sua irrentabilidade. Quais seriam os motivos desta campanha? Seja lá como fôr, só podemos nos congratular que o espírito empreendedor destes idealizadores não se deixou desanimar pelos conceitos super-inteligentes de alguns pessimistas, mas levaram a cabo seu intento que ora se apresenta na nova indústria de fiação e tecelagem recém-concluída.

Tivemos oportunidade de examinar — diz o articulista — amostras dos produtos desta fábrica, na qual já funcionam 4 teares, e devemos confessar que todas as nossas expectativas foram ultrapassadas. Os tecidos apresentados são firmes e consistentes, próprios para lavradores, porém, não queremos com isso dizer que a fábrica produz apenas tecidos deste tipo, ao contrário, está empenhada na produção de tecidos mais finos e ainda na de tecidos de lã de carneiro.

A fábrica tem a capacidade de produzir 3.000 a 4.000 metros de fazenda semanalmente.

A fábrica foi construída no Rio do Testo, ao lado de um salto que lhe servirá de força motriz e é livre de enchentes, pois na sua localização tomou-se em conta o nível das águas atingido na grande enchente de 1880.

É evidente que a construção da fábrica, naquela época, foi de uma real importância para o desenvolvimento econômico da região, pois além de dar aos colonos uma nova fonte de renda, ou seja a produção do algodão, é, ainda, uma oportunidade para o trabalho na fábrica aos moradores da redondeza.

Além disso, abriu novas perspectivas para a criação lucrativa de ovelhas, dada a possibilidade da venda da lã.

O plantio do algodão teve logo um incentivo promissor, não chegando, no entanto, a se expandir de tal forma que desse para atender toda a demanda e capacidade de consumo deste produto por parte da fábrica, já que muitos colonos preferiam dedicar sua ativida-

de mais no plantio do café, cultura esta iniciada com mais intensidade já ha uns vários anos antes, e que já estava dando bons resultados suplementares ao orçamento econômico dos colonos e cujo produto não dependia tanto das condições climáticas como o algodão que necessita de dias de sol e estiagem na época de sua colheita.

Não obstante todas estas dificuldades e graças à distribuição gratuita de boa semente, a produção de algodão foi, ainda assim, satisfatória nos primeiros tempos da atividade da fábrica e a qualidade do algodão aqui produzido era tão boa, em relação ao comprimento e resistência de sua fibra, como a do algodão importado, pelo que também alcançava um preço compensador.

Quanto à criação de ovelhas, para a produção de lã, não chegou a se sobressair, isto porque a raça de ovelhas que o Dr. Blumenau havia importado da zona de Bomberg, Alemanha, e que eram excelentes produtores de carne e lã, tinha um grande defeito: os carneiros eram muito briguentos e agressivos, pondo em risco crianças e adultos. Por isso os colonos não gostavam de criar os carneiros e ovelhas desta raça, em face do que alguns membros da Sociedade Agrícola de Encano resolveram viajar para a Argentina para ver se de lá pudessem importar outra raça de gado lanígero de boa qualidade, menos agressivo e mais pacífico.

Realmente foram introduzidas outras raças de ovelhas, contribuindo para isso também a sociedade "Kultur-Verein", porém, em vista da falta de extensas áreas de pastagens em cada lote colonial, a criação de ovelhas não chegou a ter a expansão necessária para que a produção de lã chegasse a ser um fator importante na sua comercialização, restringindo-se ao próprio consumo do colono, decaindo ao fator secundário, de forma que a fábrica não chegou a se dedicar também à produção de lanifícios, limitando-se apenas ao fabrico de fazendas, com fios de algodão, produzidos em sua própria fiação, anexa à tecelagem.

Como, porém, a matéria prima, isto é o algodão aqui produzido era pouco, e o rendimento da fiação não era suficiente para atender ao consumo da tecelagem, a empresa foi obrigada a importar de outras partes do paiz e até do estrangeiro, o fio para alimentar os teares, já que os produtos da Tecelagem Karsten, como eram denominados, tinham grande aceitação no comércio local.

Mais tarde, a firma resolveu usar sómente fios importados e encerrou a sua atividade no ramo da fiação.

Aliás, já em Março de 1884, houve uma modificação na administração da fábrica, pois conforme anúncio publicado no jornal "Blumenauer Zeitung", do dia 10 de Maio daquele ano, Gustav Hermann Roeder, comunicava que a partir do dia 1º de Março de 1884, se havia retirado da firma Roeder, Karsten & Hadlich, tendo os senhores Karsten e Hadlich assumido o ativo e passivo da firma, continuando a fábrica sob a nova razão.

O senhor Roeder, que era o técnico, formado no ramo de fiação

e tecelagem na zona industrial textil de Chemnitz, na Saxônia, Alemanha, mudou-se logo para o bairro do Garcia, onde implantou a florescente industria textil naquele bairro.

Não sei se o Governo Municipal já deu a alguma rua ou logradouro daquele bairro o nome deste pioneiro da indústria textil no Vale do Itajaí, mas se ainda não o fez, bem que GUSTAV HERMANN ROEDER o merecia como justa homenagem e reconhecimento de seus méritos no desenvolvimento econômico de Blumenau.

Vai aqui a indicação que esperamos seja acolhida com simpatia pelo Poder Executivo e Legislativo deste Município.

Blumenau, 25 de Maio de 1978.

CARTA DO PADRE CARLOS BOEGERSHAUSEN (VIGÁRIO DE JOINVILLE), AO DR. BLUMENAU APRESENTANDO O PADRE JACOBS (tradução de A. Wilhelm)

“Joinville, 13 de setembro de 1876

Prezado Senhor Diretor,

Finalmente as nossas aspirações foram atendidas — conseguimos um pastor próprio para os católicos de sua Colônia.

O reverendo padre Jacobs o qual eu tenho a honra de vos apresentar por meio desta — e que eu pessoalmente aprecio muito, conseguirá — assim eu creio — ganhar em pouco tempo a sua confiança, contribuindo para que a sua Colônia cada vez mais mereça o seu lindo nome de “Blumen-Au”. (Blumen-Au = campo, prado de flôres — Nota do tradutor)

Como o senhor ouvirá pelas próprias palavras do senhor padre Jacobs, e reverendíssimo senhor bispo confirmou, já ter em suas mãos todo o necessário para a sanção canônica, prometendo esta o mais breve possível, remetendo a mim em seguida o referido documento.

O senhor não deverá estranhar de maneira nenhuma, se até as próximas eleições tudo, mas efectivamente tudo, esteja em ordem.

Bem de leve passou nestes dias na minha mente, que eu talvez pudesse ter ainda o direito a uma “gratificação e cavalgada para Blumenau”, a mim autorizado do 1º. de Julho do ano corrente até o dia em que o meu sucessor entrasse em seus direitos.

Mesmo não tendo visitado Blumenau nesta época, tenho trabalhado muito por esta Colonia.

Tenha a bondade de solucionar para mim, em poucas palavras, este “casus conscientiae”!

Agradeço-lhe de todo o coração, prezado senhor doutor, pelas múltiplas provas de confiança e benevolência para comigo. Com verdadeiro prazer estarei sempre a sua disposição para prestar-lhe qualquer favor.

Peço-lhe de transmitir à sua distinta esposa as minhas mais respeitosas saudações, subscrevendo-me como

seu admirador muito grato

Carlos Boegershausen - Vigário”

— 184 —

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*
Olívio Pedron - *Repres. Comercial Otto Iaczynski* e *Indus-*
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O

R U A 1 5 D E N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 – F O N E 2 2 - 2 6 2 7 – C . P . 6 5 1

I N D Ú S T R I A – R U A A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 – F O N E 2 2 - 3 6 2 7 – G A R C I A

BLUMENAU – STA. CATARINA